

Egreja de S. Domingos de Bemfica — Palacio e quinta da serenissima infanta D. Isabel Maria

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

(Vid. pag. 81)

Quasi em frente dos porticos e pavilhões da quinta das Larangeiras vem desembocar um caminho estreito, que conduz á alameda de S. Domingos de Bemfica por entre as quintas de sua alteza a sra. infanta D. Isabel Maria, e do sr. marquez de Fronteira.

A Alameda de S. Domingos de Bemfica é pequena, mas agradavel, porque a povôam arvores copadas e annosas, e porque a guarnecem, por um lado o palacio e jardim d'aquelle fidalgo, e por outro os arvoredos da quinta de sua alteza, que fazem sombra a uma fonte publica, e á entrada principal do seu palacio, e em seguida a egreja e extincto convento dos dominicos. É celebre este logar das cercanias de Lisboa pela feira de arraial que ahi se faz durante o mez de maio, com grande concurrencia de povo aos domingos.

Deu origem a esta feira o seguinte caso. Pouco tempo depois del-rei D. João I ter feito doação dos seus paços de Bemfica á ordem de S. Domingos, encarregou este soberano um commerciante, que ia partir para Allemanha, de lhe mandar fazer n'esse paiz uma imagem de S. Domingos esculpida em madeira, para a offerecer á egreja do novo convento. Partiu o mercador, e na volta, vindo por mar, levantou-se tão rijo temporal, que se julgou perdido o navio. No meio da consternação geral lembrou-se o mercador de recorrer á intercessão do patriarcha da ordem dominicana. Traz para a tolda a santa imagem; mostra-a aos marinheiros, e todos oram com devoção. D'ahi a pouco bonançou o mar, e em breve surgiu o navio a salvamento no porto de Lisboa. Correu logo a noticia do acontecimento por toda a cidade, que se despovoou para ver e acompanhar a imagem em procissão, desde o logar do desembarque até ao convento de S. Domingos de Bemfica. Por muitos dias consecutivos concorreu alli immensa multidão de fieis. Como o caso succedeu em um domingo de maio, nos annos seguintes foram consagrados todos os domingos d'esse mez a festejar o santo, e commemorar o milagre.

O Convento de S. Domingos. — Pertenceu á ordem dos prégadores, foi fundado por el-rei D. João I, a instancias do seu privado e chanceller-mór João das Regras.

Correndo o anno de 1399 doou aquelle soberano para o dito fim os *paços de Bemfica* com a quinta annexa, que desde o reinado de D. Diniz serviam de casa de campo aos nossos monarchas. N'aquelle mesmo anno se estabeleceram os frades dominicos n'estes paços, e com o auxilio regio construiram uma egreja de modesta fabrica e mui limitadas proporções.

Fizeram-se pelo decurso do tempo muitas obras de reconstrucção e acrescentamento no templo e no convento; porém nos principios do seculo XVII todo o edificio ameaçava ruina. Procedeu-se então a uma reedificação quasi geral por diligencias de fr. João de Vasconcellos, prior que era d'este convento. No dia 29 de junho de 1624 lançou este prelado a primeira pedra nos alicerces da nova egreja. Claustro, casa de capitulo, refeitorio e dormitorio, foram tambem feitos

de novo. Do primeiro edificio só ficou a sacristia e o côro. O terremoto de 1755 lançou por terra a egreja e convento, que logo depois foram reedificados.

Pelos annos de 1818 atéou-se no convento um violento incendio, que esteve quasi a ponto de reduzir tudo a cinzas. Na livraria, que ardeu completamente, perderam-se muitos livros raros, e manuscriptos de bastante apreço.

Pela extincção das ordens religiosas ficou por muito tempo sem culto a egreja, e o convento condemnado a uma ruina certa. A ambos valeu a solicitude de sua alteza, a sra. infanta D. Isabel Maria, restituindo o culto ao templo, e comprando o convento, que desde então tem servido de abrigo á pobreza, e tambem serviu de asilo e casa de educação á infancia.

É memoravel este convento nos annaes de Portugal por quatro grandes vultos historicos, que o illustraram na vida com o brilho de eminentes virtudes, e de subido engenho, ou que o honraram na morte com o precioso deposito de suas venerandas cinzas.

São esses quatro vultos D. fr. Bartholomeu dos Martyres, fr. Luiz de Sousa, D. João de Castro, e João das Regras.

O primeiro, decorado com a mitra primacial de Braga, e que tão nobre e sabiamente sustentou no concilio tridentino os interesses e dignidade da religião e da patria, foi conventual d'este mosteiro.

O segundo, que na vida secular assombrou os inimigos da nossa independencia com um acto de heroico patriotismo, e que no claustro edificou a todos como exemplar das virtudes christãs, eternisando ao mesmo tempo o seu nome como um dos nossos escriptores mais elegantes, mais correctos e melifluos, viveu, morreu, e jaz n'esta casa religiosa.

O terceiro, ao cabo de uma existencia gloriosa e honradissima, alli foi repousar o corpo, vasio d'aquella alma immensamente grande, que encheu toda a Asia com a fama das suas acções, e com o respeito e prestigio do nome portuguez.

O quarto, finalmente, o eloquente orador, que decidiu as cortes de Coimbra de 1385 a cingir a fronte do mestre de Aviz com a coroa que o direito da legitimidade dava aos filhos de D. Pedro I e da desventurada Ignez de Castro, então presos em Castella pelo rei d'esse paiz, que pretendia assenhorear-se do throno de seu fallecido sogro, el-rei D. Fernando de Portugal; João d'Aregas, ou das Regras, o mais celebre jurisconsulto portuguez do seculo XV, tambem alli descança.

A egreja perdeu na ultima reedificação quasi todos os vestigios de antiguidade, sem adquirir coisa alguma que a recommende como monumento artistico.

O mausoleo de João das Regras levantava-se antigamente no meio da egreja; mas quando esta se reconstruiu no seculo XVII foi mudado para junto da porta do templo, á direita de quem n'elle entra. É de marmore branco, e assenta sobre quatro leões.

A caixa tem por unico adorno oito escudos, representando todos o brasão de armas do chanceller de D. João I, cuja figura em alto relevo está deitada sobre a tampa. A estatua tem vestes talares; na cabeça o barrete doutoral, e ao lado o estoque, insignia de cavalleiro. Aos pés está um cão, emblema da fidelidade, posto como em guarda e vigia. Em volta da tampa lê-se em caracteres gothicos o seguinte lettreiro: *Aqui jaz João das Regras Cavaleiro Doutor em Leys, privado d'elRei D. João fundador deste mosteiro, finou tres dias do mez de Maio era de* 1442 (corresponde ao anno do nascimento de Christo de 1404).

João das Regras, largamente recompensado em honras e bens pelo mestre de Aviz, foi progenitor dos condes de Monsanto, depois marquezes de Cascaes, cuja familia se extinguiu no seculo passado.

A cerca do convento foi vendida pelo estado: é hoje propriedade particular. Não merecia que se fallasse n'ella, se fr. Luiz de Sousa a não celebrára na sua historia de S. Domingos, descrevendo-a com tão vivas e finas côres, que mais parece obra de pincel que de penna. A fonte do Satyro, que elle engrandece e exalta; a outra fonte de que tanto gostava o cardeal rei pela frialdade das aguas; os parreiraes, em que, no dizer d'elle — *fazem toucas as voltas, e frescura das parras; collares de pedraria as uvas, segundo o tempo e as côres d'ellas, já topazios, já rubis, primeiro esmeraldas* — tudo isto ainda lá está, mais ou menos bem conservado. O quadro porém ostenta-se tão humilde e mesquinho a quem o contempla ao natural, quão bello e grandioso a quem o lê na chronica dominicana. Mas não falta n'esta a verdade; n'aquelle é que falta essa imaginação fecunda, que por meio das pompas do estilo, e das galas da poesia, derramava em tudo quanto tocava nova graça, mais fulgor e formosura.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

HISTORIA SUPERSTICIOSA DE UM RELOGIO

(Conclusão. Vid. pag. 82)

A minha estimavel sociedade tinha-se apostado a converter-me n'aquella noite. O conselheiro Costa deixou de examinar um album de photographias, no que tinha consumido a maior parte da noite; verificou se os artefactos do Godefroy estavam bem compostos, retorceu o bigode preto-carvão, maravilha do fluido transmutativo de Baron, e puxou por um bonito relogio de oiro com tão pronunciada intenção que attrahiu todos os olhos.

— Este relogio é uma preciosidade, disse elle. Ha dez annos que é meu, nunca foi ao relojoeiro, nunca se adiantou nem atrazou um segundo. Tem para mim o valor d'uma reliquia. A unica vez de que ha memoria que elle tivesse algum transtorno, foi por occasião da morte de minha prima, filha do visconde de Villa Franca. Em quanto a pobre menina esteve agonisante, este relogio deixou de andar, e depois que veiu para o meu poder tem sido como um chronometro.

D. Mathilde de Tovar, encanto de quantos a conheciam pelos favores da belleza e pelas graças do espirito, tinha vinte e dois annos quando chegou ao occaso da existencia. Ha dez annos que se finou, e ainda não fallo n'aquelle anginho sem que me pareça tel-o presente, e sem que as mais intimas fibras do coração se me commovam. Estimava-a como minha filha, e adorava-a como á imagem da mãe dos anjos. Attrahia com os olhos, prendia com os sorrisos, encantava com as palavras. Isenta como a estatua que por ninguem sente a violencia das paixões fogosas; meiga como a violeta que sem se impor aos olhos derrama delicias no olphato, minha prima era uma d'essas existencias privilegiadas, que vem ao mundo para serem queridas, e que depois fogem para o ceo quando tem semeado tantas saudades que não possam mais passar da memoria.

D. Mathilde tinha seis annos quando o visconde seu pae foi viajar pela Europa: acompanhou-o, e foi educada em Italia, França, Inglaterra e Allemanha. Era admiravel como n'aquelle espirito se reflectia por egual a indole d'aquellas educações, e se correspondiam de modo que umas eram o complemento das outras. Aquella indole do meio-dia, imaginosa e ardente, ora desafogada e expansiva, ora concentrada e reflectida, era sempre cheia de conceitos engraçados e profundos. Pensava como um sabio, brincava como uma criança. Tinha uma paixão unica, mas essa violenta, indomavel. A musica arrebatava-a, e a dança

absorvia-lhe todas as potencias d'alma. O pae temia leval-a aos bailes pelo excesso a que ella se entregava; mas, pelo muito que estimava a filha, doía-lhe n'alma prohibir-lhe o prazer que ella, póde dizer-se, amava exclusivamente.

A intelligencia de D. Mathilde parecia viver á custa das suas forças physicas, e os ares de Lisboa não lhe eram os mais convenientes á saude. Tinha vindo de Allemanha havia anno e meio, e por causa d'uma pequenina tosse que lhe appareceu, foi logo passar o verão em Cintra. Experimentou melhoras, e no inverno não faltou a um de todos os bailes, a que lhe franqueava entrada o nome, relações, e representação de sua familia. Com o rebentar das arvores a saude de minha prima começou a peorar; estava triste, não fazia senão recordar-se dos annos da sua meninice, como aquelles que não tendo já futuro, se refocillam na contemplação d'um passado feliz, e as forças iam-se-lhe consumindo. O visconde de Villa Franca, para salvar a filha emprehendeu leval-a para a Madeira, e eu acompanhei-o n'essa viagem. Foi por esta occasião que travei mais estreitas relações com estes meus parentes, tão estreitas não fossem, que não sentiria a dor da perda de D. Mathilde!

Havia tres mezes que estavamos no Funchal, e a doença da menina aggravava-se todos os dias. O mal era de morte, e talvez proveniente dos cuidados da educação. Um habil medico de Francfort, que fazia profissão especial do tratamento das phtysicas pulmonares, disse ter observado que os climas do norte eram muitas vezes desfavoraveis, e até nocivos, ás constituições meridionaes. Um milagre sómente, d'esses que a força da vida aos vinte annos póde operar, era o unico recurso que restava á doente; mas a esse milagre veiu obstar um poder superior.

Um fatal acontecimento veiu impressionar de tal modo a sensibilidade nervosa da pobre doente, que sobrevindo-lhe um tétano succumbiu.

Depois de duas horas d'uma agonia horrorosa, em que aquelle corpo debil e prostrado obrava prodigios de força, tomando-lhe as fórmas delicadas as proporções e posições mais monstruosas, o espirito de D. Mathilde de Tovar desprendeu-se d'aquelle corpo que tamanhos tratos lhe dera nos ultimos instantes da existencia.

O visconde de Villa Franca era pae, e como pae extremoso não se afastou um momento do lado de sua filha. Abraçado com ella nos ultimos instantes, supposto desesperasse da sua existencia, não pôde resistir á intensa dor de a ver expirar; caíu como fulminado, e só voltou a si longas horas depois. Pediu o relogio, que era este que tenho aqui, talvez para ver ha quantas horas não tinha filha, e achou-o parado nas dez. D. Mathilde tinha morrido á meia noite, e então eram oito da manhã.

Meu primo fechou tristemente o relogio murmurando:

— Eis um presagio! Por uma coincidencia fatal, este relogio tinha parado desde a hora em que foi impossivel a salvação de Mathilde.

Quando o visconde se restabeleceu um pouco d'aquella grande dor, resolveu deixar a Madeira, e na despedida dirigiu-me estas palavras:

«Primo Costa, ha de fazer-me o favor de acceitar uma lembrança minha. Este relogio, que desde as ultimas horas de minha filha não tornou mais a andar, foi o ultimo presente que me fez a esposa que já lá tem a sua Mathilde. Marcou as horas mais venturosas, talvez, da minha vida, não quiz por isso marcar as da maior dor. O primo foi-me de grande allivio n'esta desgraça; é em suas mãos amigas que eu posso melhor depositar este objecto querido, por ser dadiva da viscondessa, e agoireiro pela desgraça que me annunciou ultimamente. Foi um bom relogio, póde ser que ainda o seja; mas sirva-se d'elle o primo; porque a mim havia de lembrar-me sempre a minha dupla viuvez de esposa e filha.»

Acceitei a offerta. Assisti ao embarque do visconde, e quando regressei a casa já o relogio andava; e assim tem continuado, sem que até hoje tenha sido preciso mais do que dar-lhe corda.

A narrativa do conselheiro Costa favoreceu-me. A nossa pequenina sociedade é que se enfadou com ella, me parece; mas, por uma feliz diversão, começou-se a fallar em politica, de sorte que, em menos de um quarto de hora, já ninguem pensava nos agoiros: e eu recolhi pacificamente para casa, procurando a explicação mais natural da historia do relogio do conselheiro.

Um machinismo tão delicado não está á prova de qualquer pressão ou movimento subito. Todos os dias oiço dizer no Plantier ou no Girod: «Veja o que tem o meu relogio: parou sem saber como, e no entanto tem corda.» Pierre Girod ou Plantier assestam a lente, agitam um pouco a machina, e eil-a a andar, como se nunca adormecêra, e lá vão os respectivos donos, com seus reguladores diarios, sem lhes passar pela mente se n'aquella hora da paragem algum de seus amigos se ferira ao menos no bico de um alfinete.

Se a minha incredulidade em materia de agoiros offender as pias crenças de algum leitor, reconheço-lhes a plena liberdade de commentarem a seu sabor os factos que n'estas linhas deixo referidos, sem que n'isso me façam aggravo. Desde que um atilado Aristarcho, n'um papel official que eu redigira, substituiu *perfeiçao possivel* por *maxima perfeição*, fiquei com animo resignado para acceitar todas as correcções imaginaveis.

A. C. da Silva Mattos.

LISBOA EM 1584

(Conclusão. Vid. pag. 85)

Lisboa parece ser, não uma porém muitas cidades. Vejamos a terceira parte, que achareis de certo muito maior, posto que não me poderei demorar em descrevel-a tanto quanto seria preciso.

Este terceiro passeio que vamos dar, é não sómente montuoso, mas tortuoso, e mais comprido que os anteriores, pois começando na margem do Tejo percorre a povoação em semicirculo. E póde qualquer fazer juizo da sua extensão, lembrando-se do que temos vindo a dizer, pois o caminho da beira-mar tem seis milhas, e a ponta da setta quatro.

Contemple-se pois o espaço desde o convento de Belem ao terreiro do paço, no qual está situado o convento da Esperança. Emboca d'aqui um caminho para os pontos mediterraneos e montuosos que rodeiam a cidade: vamos percorrel-os. Todos sabem que Lisboa comprehende muitos conventos, de cujo numero assás se tem escripto; os principaes porém são tres ou quatro, que se levantam nos cabeços mais desafogados da cidade.

Subindo pois da Esperança ao alto, apresenta-se-nos primeiramente o mosteiro de S. Bento, cuja ordem floresce tanto em Portugal, que só na provincia do Douro e Minho tem quarenta e oito conventos com muitas rendas. [1] Se d'este convento nos dirigirmos para a celebre porta de Santa Catharina, [2] e subirmos a pouco e pouco ao cume d'este monte, encontraremos a casa professa dos jesuitas, cuja egreja é dedicada a S. Roque. [3] Moram n'esta casa mais de setenta padres e leigos, que são como a flor dos de todo o reino, assim por sua edade madura, como

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 405 do vol. III.
[2] Vid. pag. 398 do vol. V.
[3] Vid. o artigo e gravura a pag. 293 e 294 do vol. V.

por seu saber e pratica dos negocios proprios da sua vocação. Tem esta casa um claustro espaçoso, muitos dormitorios, e quartos para maior numero de habitadores. A egreja é de admiravel construcção, e de uma só nave; porém a sua largura é tal, que por ser difficil lançar de lado a lado sobre as peças de volta, abobada de pedra ou tijolo, cobriu-se com um tecto de optimas vigas mandadas vir das mattas da Allemanha, com grande dispendio. E tão perfeitamente forrado está elle, que nenhuma inveja tem aos que são abobadados.

Correm em roda muitas capellas bem traçadas e ornadas, com um thesouro admiravel de reliquias. As alfaias são tão ricas que mais parecem de quem logra opulentas rendas, que não de quem vive de esmolas. Tem uma torre de admiravel altura, a qual se avista de quasi toda a cidade, e tem magnificos sinos.

Perto da cêrca d'esta casa devia brevemente edificar-se outra, para noviciaria, á conta de certo fidalgo, que tendo ganho na India cincoenta mil cruzados, resolvêra com elles construil-a e dotal-a, e despedindo-se de todas as vaidades humanas vestir a roupeta da Companhia. Descendo de S. Roque encontra-se a poucos passos o convento dos religiosos da Santissima Trindade, [1] os quaes, entre outras obras de piedade em que se empregam, dedicam-se especialmente ao resgate dos captivos. Um pouco mais abaixo está a celebre egreja parochial de Nossa Senhora do Loreto, [2] e a outra de Nossa Senhora dos Martyres; [3] e mais adiante o vastissimo convento de S. Francisco, em que não sei se é mais para admirar o numero de religiosos, a grandeza do edificio, a extensão da egreja, ou a quantia de esmolas com que os fieis todos os dias soccorrem esta casa. O numero de religiosos excede a duzentos; a vastidão do templo, que tem tres naves, é tal que não ha em Lisboa outro maior. Admiram-se n'elle muitas e preciosissimas capellas, entre as quaes, além da magestosa capella-mór, é formosa a que foi fundada por Martim Affonso de Sousa, um dos vice-reis da India, revestida toda de riquissima talha doirada. [4]

Passemos agora a outra parte do mesmo monte, onde se apresenta á vista um convento notavel dos religiosos de Nossa Senhora do Carmo. Este edificio, de grandes dimensões, excede em antiguidade a todos os outros de Lisboa, excepto a sé. Foi fundado pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de quem descendem os duques de Bragança. Gastou o fundador n'esta obra immensos cabedaes, porque cedendo varias vezes os alicerces, foi preciso, segundo reza a fama, empregar grande quantidade de ferro para os suster e firmar. [5]

Sigamos para os montes do lado oriental da cidade, e subamos ao campo que chamam de Santa Anna, nome que lhe veiu do convento e egreja da invocação da mãe de Nossa Senhora [6], cuja solemnidade os lisbonenses celebram com grande pompa e festas, muito

[1] Foi fundado em 1294, reconstruido completamente em 1560, incendiado em 1708, reedificado depois com muita sumptuosidade, derrocado e incendiado em 1755, restaurado nos annos seguintes, e pela extincção das ordens religiosas em 1834 transformado em varias propriedades particulares.

[2] Parochia dos italianos erecta em 1517. O primeiro templo foi fundado em 1522, incendiado em 1651, reconstruido novamente, abrazado em 1755, e depois restaurado. Vid. a gravura a pag. 65 do vol. IV.

[3] Fundada por el-rei D. Affonso Henriques, e reedificada em 1598, em 1710, em 1750, e depois do terremoto de 1755.

[4] Contâmos dar em gravura a egreja d'este convento que ultimamente se demoliu, e então trataremos d'este edificio.

[5] Vid. os artigos a pag. 389 e 401 do vol. I e 334 do V.

[6] O convento de Santa Anna, de religiosas terceiras franciscanas, foi fundado em 1561 pela rainha D. Catharina, regente do reino na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião. Existia então n'esse logar uma ermida dedicada á mesma santa. Na egreja d'este convento foi sepultado o principe dos poetas portuguezes Luiz de Camões, cujos ossos foram ha poucos annos mudados da sepultura para um caixão, que alli está depositado á espera de um mausoleu digno do grande épico e da cidade onde teve o berço. O convento e templo foram derrocados pelo terremoto de 1755 e reconstruidos depois.

mais por ser aquelle sitio tão espaçoso e aberto que offerece sobejo campo a toda a sorte de espectaculos.

Não longe d'aqui está a *carreira dos Cavallos*, ou corro em que os nobres e fidalgos de Lisboa costumam exercitar-se todos os dias santos em corridas de cavallos [1]. É espantosa a multidão assim de cavalleiros que alli vão correr o páreo, como de espectadores, e incrivel a competencia entre uns e outros sobre quem levará a palma. Veiu-nos este uso da expedição e conquista de Africa, de que Lisboa é a principal alimentadora. Pois sendo o uso dos cavallos muito grande, os lisbonenses, que frequentemente passam á Africa por causa das guerras continuas com os moiros, costumam exercitar-se muitissimo em correr carreiras de cavallo. E para mais ageis se tornarem n'esta arte, algumas vezes faz um de moiro, outro de christão, pelejando este contra aquelle, e ganhando cada cavalleiro e o seu cavallo maior destreza para os verdadeiros combates, por meio de mutuas investidas, retiradas, volteios, e outros manejos da arte de picaria.

Passemos aos pontos mais elevados, atravessando o valle que lhes fica ás abas com alguns nobres edificios, e um grande curral [2] em que se recolhe todo o gado que vem a Lisboa para se matar, cujo numero se póde imaginar, sabendo-se que só carneiros todos os dias se degollam cinco mil, os quaes se repartem por tres açougues. N'este sitio tem os curiosos o espectaculo da lucta entre cães exercitadissimos e toiros ferocissimos, que aquelles agarram pelas orelhas para que não possam fugir á matança, ainda que algumas vezes os menos fortes são nas pontas arremeçados ao ar, e recebem do toiro feridas mortaes.

No mesmo valle está o hospital para os que padecem de lepra, doença que vulgarmente chamam de S. Lazaro, porque alguns medicos suppõem que as ulceras que affligiam o mendigo Lazaro, de quem falla o Evangelho, eram procedidas d'esta doença. [3]

Mas subamos já a encosta, e deixando o cabeço em que ha uma egreja dedicada a Nossa Senhora do Monte, e a cujas raizes ha muitas olarias que trabalham com muita perfeição loiça de barro, por ser o de Lisboa muito bom para taes obras, ganhemos o monte [4] em que está fundado o famoso convento de Nossa Senhora da Graça, de eremitas calçados de Santo Agostinho, o qual corre parelhas com os principaes edificios religiosos de Lisboa [5]. É a egreja de tres naves, vastissima, e tem muitas capellas preciosissimas. O claustro é de tão boa architectura, que só a sua quarta parte, com o dormitorio, custou vinte e cinco mil cruzados. A sacristia é tão notavel nos magnificos gavetões e armarios em que estão arrecadadas as alfaias, nos lavores e esculpturas, no variado do pavimento, todo de mosaico, que causa gosto e admiração a todos os estrangeiros. E não concorre pouco para a riqueza d'esta parte do edificio, a capella em que está sepultada uma infanta, neta del-rei D. João II [6]. O numero de religiosos de missa d'este

[1] O costume acabou ha muito, mas conserva-se ainda o nome ao sitio. É um espaço como rua larguissima e não pouco comprido, guarnecido de casas, e que principia junto ao campo de Santa Anna.

[2] Era o matadoiro, que deixou de ter exercicio no começo d'este anno, em que se concluiu e principiou a servir o novo e grandioso *matadoiro da Cruz do Taboado*.

[3] É o hospital de S. Lazaro.

[4] A ermida de Nossa Senhora do Monte teve a sua primeira fundação em 1243. Sendo introduzidos n'esta cidade os religiosos eremitas de Santo Agostinho, habitaram alli algum tempo. Trataremos em outra occasião d'esta ermida, cuja historia se prende á vida de S. Gens, que alguns autores pretendem que fôra bispo de Lisboa nos fins do seculo III.

[5] Reservâmos para mais opportuno ensejo tratar d'este notavel edificio.

[6] O auctor equivocou-se. Na Graça não está infanta alguma, nem D. João II teve netas infantas. Filhos legitimos teve um só, que morreu sem deixar successão; e bastardo tambem só um, que foi D. Jorge, duque de Coimbra, de quem ficaram quatro filhos e quatro filhas, legitimos, e tres filhos e uma filha bartardos. Nenhum d'estes foi sepultado no convento da Graça. As cinco filhas foram todas religiosas em diversos mosteiros, onde jazem.

convento orça por cento e vinte, e as suas rendas por trinta mil cruzados. Ensina-se alli com grande louvor de mestres e discipulos, a lingua latina, a philosophia e theologia, e fazem-se na egreja continuas prégações, que são muito concorridas. Está na mesma egreja erecta uma irmandade dedicada á resurreição do Senhor, a qual conta no seu gremio muitos fidalgos, e solemnisa todos os annos o dia da festa da resurreição tão sumptuosamente, e com tanta profusão de luzes, dispostas com tão admiravel variedade, que attrahe todo o povo de Lisboa a vêr tamanha celebridade.

Um pouco além d'estes sitios, em linha obliqua, se divisa o famoso monte em que está a fortaleza principal de Lisboa, a que vulgarmente chamam o Castello [1]. Admiram-se aqui muitas obras de defesa, baluartes, muitas torres altissimas, e especialmente aquella no alto da qual ainda se vê a espada que, quando el-rei D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos moiros, se tingiu de muito sangue inimigo na grande matança d'elles que alli houve. N'este castello está o quarto palacio real, que não cede em magnificencia a nenhum dos outros, mas antes se avantaja a todos em antiguidade, extensa vista do Tejo, e das terras d'além. Ha n'este paço uma casa a que podêmos chamar o real archivo, porque n'ella se conser-



Ruinas do templo de Ombos, no Egypto

vam todas as chronicas e documentos antigos do reino [1]. As raizes d'este monte, para o lado do norte, está o collegio da Companhia, chamado de Santo Antão, no qual vivem sessenta jesuitas, e se ensinam as bellas lettras á mocidade, em oito aulas frequentadas por mais de mil estudantes [2]. Além d'estes, estudam tambem no mesmo collegio theologia, em duas distinctas classes, mais de duzentos clerigos. Tem este collegio a singularidade de haver dado origem, e ser o viveiro de todos os outros que a companhia tem em Portugal, no Brasil e na India, e de não ceder em antiguidade senão á casa professa de Roma. Foi fundado por el-rei D. João III, e depois augmentado em rendas pelo cardeal rei D. Henrique, que foi para com elle tão liberal, que, quando morreu, legou aos padres mais de quinhentos mil cruzados para o construirem de novo em logar mais proprio, consignando para isso um espaço da encosta do monte de Santa Anna, e boa parte do muro da cidade, com tres torres.

Descendo do monte do Castello para o terreiro de Santo André, apresenta-se-nos o quinto palacio real, tambem magnifico, em que moraram n'outros tempos os reis de Portugal, e estava depois estabelecida a universidade de Lisboa, até que mudada esta para Coimbra, foi destinado para guarda perpetua dos que comettessem algum crime contra a religião. [2]

[1] Vid. pag. 318.

[2] Era chamado este collegio Santo Antão o Velho, para differença de Santo Antão o Novo, agora hospital de S. José. Aquelle foi o primeiro collegio que os jesuitas tiveram n'esta cidade e no reino, e n'elle assistiu S. Francisco Xavier, o apostolo da India. Está situado no bairro da Moiraria. Dizem que a egreja primitiva fôra mesquita de moiros, e que a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, a mandára purificar, erigindo junto d'ella um convento de freiras dominicas. Estas trocaram depois o convento, com o que os padres de Santo Antão abbade tinham no sitio da Annunciada. Cederam-n'o mais tarde estes ultimos aos jesuitas, que depois de terem concluido o collegio de Santo Antão o Novo, venderam o Velho aos eremitas de Santo Agostinho, em abril de 1594. Arruinou-se com o terremoto, e reedificou-se depois. É chamado vulgarmente o *Colleginho*, e serve hoje de hospedaria militar aos officiaes dos corpos das provincias que vem á capital em commissão.

[1] Vid. pag. 318 e 340 do vol. V.

[2] Fallaremos d'este edificio no seguinte numero em artigo especial sobre os palacios reaes d'aquella epocha.

Pouco distante d'aqui ha dois conventos illustres. Um de Santo Eloi [1], de muito boa construcção, e a que não dá pouco realce o estar perto do sexto paço real [2], e outro dos conegos regrantes de Santo Agostinho [3]. Para encarecimento d'esta casa não falta nada, pois compete com os outros conventos em numero de religiosos, riqueza de alfaias, e preciosidade de reliquias, bastando citar o braço de S. Sebastião que alli se venera.

Desçamos agora um pouco mais abaixo, onde está o carcere publico, que é bastante amplo, e em cujo pavimento superior, muito espaçoso, estão as salas dos tribunaes. [4]

Sigamos para a sé, que é edificio de mui sumptuosa construcção, antiquissimo e vastissimo, com tres torres; duas aos lados da porta principal, e a terceira por traz da capella-mór. Tem este templo muitas e esplendidissimas capellas, e na principal venera-se o sagrado corpo de S. Vicente Martyr. Não fallo das rendas do arcebispo e do cabido, nem das preciosas alfaias d'esta sé, porque da magnificencia das outras egrejas da cidade bem se póde julgar da sua riqueza. [5]

Proximo á sé está a egreja d'aquelle santo de que tanto se ufana Lisboa e a ordem franciscana, quero dizer, santo Antonio [6]. Esta egreja é de não mediocre construcção, e está edificada nas proprias casas em que viveu o santo e seus paes, e por isso é muito venerada de todos os portuguezes. Na parte posterior d'esta egreja está a camara do senado de Lisboa.

A. J. DE F.

[1] Vid. pag. 409 do vol. v.

[2] No seguinte numero trataremos d'este palacio.

[3] Convento de S. Vicente de fóra. Vid. pag. 370 do vol. v.

[4] Cadêa do Limoeiro e casa da Supplicação, e anteriormente *paços da Moeda*.

[5] Vid. pag. 326 do vol. v.

[6] Vid. o artigo e gravura a pag. 17 d'este vol.

I. DE VILHENA BARBOSA.

TEMPLO DE OMBOS, NO EGYPTO

As antiguidades do Egypto foram reveladas á Europa, pela primeira vez, se póde dizer, no principio d'este seculo, quando voltou a famosa expedição effectuada por Bonaparte.

Além do poderoso exercito organisado pelo audacioso capitão, para a conquista d'aquella provincia, nomeou elle uma commissão de estudos, para acompanhar a expedição, composta dos seguintes sabios da França:

Berthollet, chimico; Desgenettes e Larrey medicos; Thouin, Geoffroy e Delisle, naturalistas; Conté e Champy, physicos; Monge, Fourrier, Costaz e Gérard, mathematicos; Perseval de Grand-Maison e Arnault, poetas; Denon, desenhador; Redouté, pintor de flores; Jomard, director.

De todas as emprezas de Napoleão, esta pareceu a mais ousada de quantas elle tentou. Organisada a pretexto de uma invasão na Inglaterra, a execução maravilhou ainda mais que os preparativos. A expedição saiu de Toulon a 19 de maio de 1798. A 12 de junho tomou a ilha de Malta. Chegou ao Egypto e desembarcou no primeiro de julho; e a 2 apossaram-se os francezes de Alexandria e de Roseta. A 21 ganhou o general Bonaparte a famosa batalha das pyramides, onde fez a notavel proclamação, cujas palavras ficaram proverbiaes.

Aos membros da commissão se reuniram outros muitos escriptores, e mais de quatro centos desenhadores e gravadores, os quaes gastaram dezesete annos a redigir, desenhar e gravar a magnifica obra publicada a expensas do estado, que se intitula: *Description de l'Égypte*, em 22 vol. de folio (10 de texto e 12 de estampas).

D'esta obra monumental se fez segunda edição, em 24 vol. de texto, e 12 de estampas, vulgarmente conhecida por collecção de Pankouke. [1]

Posteriormente se tem publicado muitos estudos e desenhos das antiguidades do Egypto. Denon e Champollion são tidos como os mais profundos egyptologos.

O invento da photographia concorreu para augmentar a reproducção pela gravura de muitas antiguidades egypcias ainda inéditas.

MM. Henri Cammas e André Lefévre, intentaram em 1860 uma viagem ao Egypto, cujo texto e estampas estão actualmente publicando no primoroso jornal parisiense: *Le Tour du Monde*, d'onde mandámos gravar algumas vistas mais notaveis.

A que hoje dâmos, é, dizem os citados auctores, o unico monumento que elles encontraram quasi sotterrado na areia pelo embate das enchentes do Nilo. É o chamado grande templo de Ombos.

Este monumento, posto que esteja quasi todo derribado, accusa ainda nos formosos capiteis das columnas e nas architraves, o grandioso da sua construcção.

As ruinas da antiga Ombos occupam uma collina de areias na margem oriental do Nilo, 54 kilometros ao norte de Syena, no alto Egypto. Tem hoje o nome de *Kom Ombû*, que quer dizer Collina de Ombû. N'este sitio faz o Nilo um cotovelo, e fórma uma especie de porto.

As areias varridas pelos ventos do deserto, cobrindo os restos da cidade, e grande parte dos antigos monumentos, tem egualmente atterrado uma vasta planicie que se estendia por mais de 10 kilometros para a cordilheira arabica.

A aldeia que succedeu a Ombos não tem habitantes; tudo é arido e deserto n'este cantão do Egypto.

A invasão das areias e irrupções do Nilo, bem como o fogo, tem contribuido para anniquilar os monumentos d'esta famosa cidade. Apesar de tantas causas de destruição, dois templos estão ainda de pé em grande parte. Um d'elles é o que a nossa estampa representa.

O que subsiste d'este monumento mede perto de 42 metros de comprimento; mas o total devia orçar por uns 60; e a largura andaria por 37. A altura das columnas do primeiro portico, desde o solo até ao sofito, devia ser de uns 12 metros; de largura tem mais de 6; pelo que se podem contar entre as mais grossas columnas do Egypto.

O axe d'este templo faz um angulo de 55 graus a léste com o meridiano magnetico. Vê-se, pelo plano geral, que o monumento estava voltado para o Nilo.

É construido de pedra mui branda e amarellada, muito propria para esculpir; e tambem mui solida para edificar; o que se vê pelas enormes pedras que vão de uma columna a outra, nos intercolumnios do centro. Tem estas pedras perto de 5 metros de comprimento, e um e meio de espessura. Cinco d'estas, apenas, occupam todo o comprimento do portico; e ha ainda maiores, n'este edificio. Muitas d'ellas porém cairam já no chão.

Todas as columnas, paredes e tectos estavam revestidos de figuras, geroglificos e baixo-relevos, tudo obra esmerada da arte egypcia.

[1] A bibliotheca nacional de Lisboa possue um exemplar d'esta obra.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

II

Tratemos da *consciencia*.

Um philosopho ha de assim definil-a:

A consciencia é a arena onde perpetuamente luctam as paixões humanas, e assimilha-se na vida physiologica á lucta da força interior — o principio vital.

contra as forças exteriores — os principios de destruição.

Qualquer homem define-a simplesmente d'este modo: A consciencia é o sentimento intimo que temos do valor das nossas acções; é o tribunal secreto onde se julgam essas acções, não segundo os seus resultados, mas conforme os nossos intentos.

Haverá quem não saiba dizer o que é a consciencia, porque ella não é como o dinheiro, ácerca do qual cada um discorre com acerto sem o possuir.

Um homem póde estar bem com todos e mal comsigo. Se distribuir as suas riquezas entre os pobres, os virtuosos prestar-lhe-hão tanto respeito como veneração, e o nome do bemfeitor será apregoado.

Pergunta-se: como adquiriu essa riqueza que distribue tão prodigamente? Ninguem póde averigual-o, mas a propria consciencia já o julgou. E esta é a razão por que elle está mal comsigo.

Socrates padeceu as mais odiosas accusações. Todos sabem que elle foi condemnado, como impio e rebelde, a beber a cicuta. Onde se origina o valor que elle mostra consolando os outros do seu infortunio? porque é que elle ouviu com tamanha serenidade proferir a sentença que o condemnou? porque affrontou elle a morte tranquillamente? É porque encontrou em si um tribunal que o absolvia em quanto os juizes o condemnavam. É porque a consciencia lhe dava animo e valor.

Nem sempre é innocente aquelle a quem a consciencia absolveu, porque nem todas as consciencias são como a de Socrates.

A consciencia está como dependente da convicção e do pensar de cada qual; é, por isso, necessario que o pensamento seja bem dirigido, ou pelo estudo, ou pelas boas lições e exemplos; é preciso não admittir coisa alguma sem exame e sem reflexão: reprovar o que for contrario á razão; e, principalmente, respeitar todas as opiniões que contribuem para o bem e aperfeiçoamento do povo.

A consciencia tambem nos illude.

Entre os povos do norte, entre os gregos e os carthaginezes, sacrificavam-se victimas humanas aos deuses do paganismo; os altares maculavam-se com o sangue da innocencia; as mães não tinham repugnancia ao sacrificio das proprias filhas; os filhos immolavam os paes; o irmão offerecia em holocausto o irmão; e o amigo outro amigo. Mas em todos estes actos de barbaro fanatismo eram aquelles povos só e unicamente dirigidos pela consciencia.

A consciencia não dirige todos para as mesmas acções.

Um israelita empresta ao seu correligionario certa quantia sem juro; mas não emprestará a mesma quantia a um christão sem que lhe exija desmarcado agio. N'isto segue os dictames da consciencia, porque a sua lei consente-lhe a usura para com os estrangeiros, e prohibe-lh'a para com os correligionarios.

O homem que praticou uma acção má julgar-se-ha, muita vez, probo.

O ladrão, que se contenta com roubar o viandante sem assassinal-o, diz que tem consciencia.

Houve na Italia assassinos de profissão. Qualquer dirigia-se a elles, que, mediante determinada somma, não tinham difficuldade de exercer o seu officio, e de cumprirem á risca o que ajustavam.

Empenho a minha palavra, dizia um d'esses assassinos a certo individuo que queria vingar-se de outrem sem perigo, mas não lhe quebrarei um braço se não me der uma libra.

— Então porque exijes só meia libra para o matar?

— Não se admire: é porque assassinando-o não receio que me denuncie: fico descansado.

Concluiu-se o ajuste. D'ahi a tres dias o assassino foi dar conta da sua commissão.

— Enganei-me, sr. Fulano, matei aquelle pobre homem em vez de o estropear. Restituo-lhe meia libra, porque sou consciencioso.

O maior beneficio que se póde fazer a um homem é formar-lhe a boa consciencia; mas, para conseguir isto, é indispensavel ser justo.

Se um cego conduzir outro, ambos cairão no abysmo. Assim o diz o Evangelho.

Ha um dito de mad. de Sevigné que devemos registar:

«Sabem que eu não posso levar á paciencia que as pessoas edosas digam:

«— Sou muito velho para emendar-me.»

«Mais depressa tolero ouvir dizer aos rapazes:

«— Desculpem-me, que ainda sou muito moço.»

Diz-se tambem que «a consciencia é um monitor que ergue a voz no peito do homem, e como testimunha o accusa ou justifica perante o Creador.»

Quando cumprirmos os nossos deveres, tanto na vida particular como na vida publica, de certo que não devemos temer as accusações intimas que se denominam *remorsos*. Só assim conservaremos a consciencia pura.

Plotino, um dos principaes philosophos da eschola de Alexandria, assegurava que a idéa da vida futura devia ser o principal guia da nossa consciencia. Memoremos as palavras d'aquelle illustre varão:

«De que te lastimas, homem? Da lucta? É condição da victoria. Da injustiça? Que importa ella ao ente immortal? Da morte? É a redempção.»

É esta a idéa da immortalidade — a ultima palavra da sciencia e da vida.

ORTHOPEDIA

MODO DE VULGARISAR OS NOVOS CONHECIMENTOS MEDICOS EM PORTUGAL

> «O estudo da orthopedia não tinha figurado no ensino até hoje...
>
> «Se estas lições não são a exposição de uma pratica especial, a pratica dos especialistas é aqui estudada e apreciada de um modo mais completo.»
>
> MALGAIGNE, *leçons d'orthop.*, 1862.

Assim fallou o illustrado corypheu da cirurgia franceza no prologo d'esta sua obra.

Se o erudito cirurgião confessa não ter a pratica especial d'este vasto e variadissimo ramo de cirurgia, e haver só colhido e apreciado a pratica dos especialistas, nós devemos concluir, que a sua obra apenas serve para tirar do esquecimento este importantissimo ramo da cirurgia franceza. E a leitura d'estas lições pouco ou nada adiantam a parte pratica, que é o *nó gordio* da questão.

Os inglezes encararam o assumpto pelo lado pratico, e crearam em Londres os institutos de Bloomsbury Square, Hatton Garden, e Portland road, para resolverem não só as difficuldades da sciencia, como tambem a parte financeira, utilisando d'estas instituições os pobres e os ricos.

Desde 1848 que cultivo este ramo de cirurgia: chegou o tempo de apresentar a historia dos factos. Parece-me ter feito mais ao meu paiz do que o erudito cirurgião francez. Eu nada achei feito em Portugal: elle achou, como eu, a pratica dos especialistas da sua nação, dos da Allemanha, Inglaterra, e Italia.

Vejâmos os factos.

PÉ-VARUS

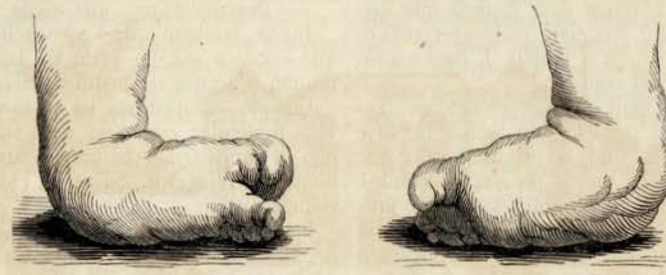
É uma especie dos aleijões dos pés. Este aleijão é quasi sempre de nascimento, e não congenito. É sem-

pre curavel nas primeiras edades. A melhor edade para a cura d'estes aleijões é a dos tres annos: póde tentar-se em edades mais adiantadas, sendo mais longas e mais difficeis as curas na razão directa da edade.

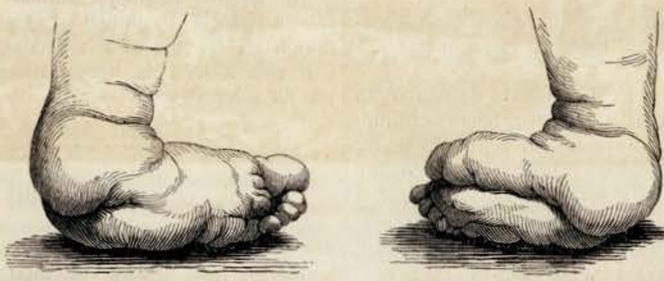
D'este aleijão, em ambos os pés, tratei o menino Avelino Ribeiro Cabral, filho do sr. Agostinho Gaudencio Ribeiro Cabral, sobrinho do meu bom amigo o sr. conego da sé patriarchal de Lisboa, Antonio Ribeiro Pessoa Cabral, naturaes de Celorico da Beira. Este aleijadinho foi visto antes e depois da cura por pessoas respeitaveis d'esta capital. Os senhores Antonio Duarte da Fonseca, e Manuel Duarte da Fonseca, facultativos d'aquella localidade, tem perfeito conhecimento do facto.

O menino tinha tres annos de edade quando começou a cura. O aleijão era de nascimento. Principiou a cura a 20 de outubro de 1862, e terminou em 7 de janeiro do corrente anno. Entende-se cura pôr os pés direitos. Este trabalho carece de muita vigilancia e cuidado. Postos os pés direitos, segue-se outra ordem de cuidados, que é guiar o desenvolvimento dos pés da criança. Com esta morosidade, paciencia, e tempo consegue-se o fim desejado. A educação physica é tão morosa, como a educação moral.

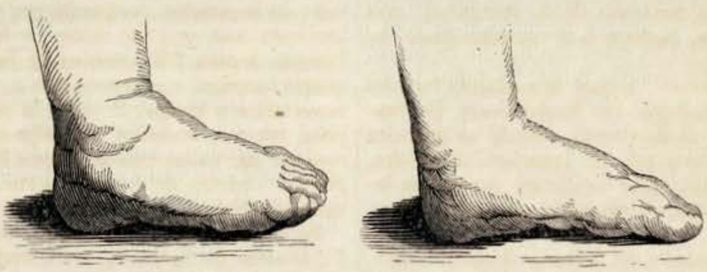
A criança tem actualmente os apparelhos de mo-



I. vista de frente



II. vista de costas



III. vista de lado

vimento, que lhe facultam a marcha, a carreira, e o salto, com os pés direitos. Isto não obsta a que se julgue a cura feita. Os cuidados são de perfeição. Os descuidos na educação physica são tão nocivos como na educação moral.

Este menino ficaria aleijado se não fosse a deliberação de seu tio, o qual convenceu o pae de que havia em Lisboa quem lhe curasse o filho.

Lord Byron lamentou sempre o seu *club-foot* (pé torto). Este poeta inglez não se lamentaria tanto se tivesse nascido hoje.

Os apparelhos para esta cura foram feitos na cutelaria do insigne artista portuguez o sr. Antonio Polycarpo, segundo as minhas indicações e modelos.

As gravuras que apresentâmos, foram desenhadas pelo nosso distincto artista o sr. Nogueira da Silva; são copia fiel de photographias. [1]

[1] O pae do menino tem estas photographias, que serviram para o desenho das gravuras.

A primeira representa a criança aleijada marchando de frente; na segunda vista de costas; e na terceira ja curada, andando de lado.

Lisboa 1 de junho de 1863. BRILHANTE.

THEMAS CLASSICOS

É nossa vida tão miseravel, que poucas vezes succede um trabalho ou desgosto n'ella, que não seja logo seguido de outro; d'onde nasceu o costume, que passa já em proverbio, de darmos graças ao mal quando vem só.

É coisa tão natural, propria e obrigatoria, no sangue illustre, a virtude da castidade, que parece nasce a promessa d'ella com a nobreza.

FR. LUIZ DE SOUSA.